

ANA CAROLINA DA COSTA CAMIN FERNANDES

NAQUELA CASA TINHA

Questões sobre memória, velhice e registros em tempos líquidos

Artigo apresentado como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação *lato sensu*, na Arte de Contar Histórias. Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Angela Castelo Branco

RESUMO

O artigo que se desenrolará a seguir tem o intuito de trazer uma discussão sobre como a memória e a velhice se relacionam nestes tempos de incertezas, imediatismos e efemeridades, e qual o impacto desta nova ordem pós-moderna, conduzida pelo consumo, em nossa história pessoal e de nossos próximos. Tem por base os pensamentos de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que nomeia esta era do individualismo de “Modernidade Líquida”, e de Ecléa Bosi, professora emérita de psicologia social da Universidade de São Paulo (USP) que se dedicou a estudar grupos sociais marginalizados por esta conjuntura, como os idosos. Destas leituras nasce a hipótese de que no exercício da escuta pode-se garantir os lugares daqueles que hoje não mais têm voz, no entanto, provocar os "espaços de escuta" pode ser bastante desafiador neste cenário que estamos inseridos. Dadas estas premissas, o artigo propõe um movimento de resistência, por meio do projeto “Naquela casa tinha: contos infante, sênil, juvenis”, um trabalho de pesquisa e transcrição de memórias pessoais e de recortes das histórias protagonizadas pelos Pedecini, uma família de oito irmãos que viveram em uma vila de operários e que hoje dá lugar a um dos maiores shoppings centers de São Paulo, localizado na Vila Guilherme – Zona Norte da cidade.

**Palavras-chave:** Memória. Idoso. Modernidade. Líquida. Narração. Causos. Contos.

Faculdade de Conchas – Polo A Casa Tombada

São Paulo

2017

## Parte A. Ajustando os ponteiros para a introdução

*“Tempo, tempo, mano velho, falta um tanto ainda, eu sei,  
Pra você correr macio [...] Tempo amigo, seja legal  
Conto contigo pela madrugada  
Só me derrube no final.” (Sobre o tempo, Pato Fu)*

Desde muito pequena percebo a importância de guardar coisas que trazem lembranças de algo vivido: diários com confidências, papéis de carta, pôsteres dos galãs da época de adolescência, papel de bala ganhada, livros com dedicatórias, fotos, lembrancinhas (de aniversário, casamentos, batizados), presentes de amigos (da onça) secretos, convites, camisetas rabiscadas da escola, diplomas, escritos, desenhos, cartas de amor...

Talvez pelo intenso convívio e pela influência dos velhos de minha família, que fazem da conservação de suas memórias uma prática, fui motivada a guardar minhas lembranças não em narrativas, como eles costumam ainda fazer, mas em recipientes sólidos, apoios concretos para os resgates da minha memória. Comecei com uma caixinha de sapatos, migrei para uma caixa antiga de fotos e hoje tenho um baú de madeira, no meio da sala, de um apartamento de 69m<sup>2</sup>, mesmo sabendo que um mobiliário deste porte e para este fim não cabe na vida adulta, pós-moderna.

Confrontando esta orientação de que é preciso se desfazer do passado para caber no presente (o que também traz uma ideia de efemeridade para aquilo que não é para o agora), navego pelos pensamentos de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, que atribuiu à sociedade presente o conceito de "líquida" em seus vários aspectos, o que a caracteriza como inconstante e marcada pela fluidez das ações, das relações, das instituições, dos sentimentos e da memória.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto que os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluídos é o que os associa à ideia de “leveza”... Essas são as razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Para a maioria dos autores que se dedicam ao tema, a pós-modernidade é traçada como a época das incertezas, das fragmentações, do niilismo, do imediatismo, da efemeridade, do hedonismo, da estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do fim dos grandes discursos. Esta transição para a pós-modernidade tem afetado os mais variados aspectos de nossas vidas, dentre eles aqueles relacionados à família e às relações afetivas.

Para Bauman, as relações afetivas estão fragilizadas e ameaçadas por esta nova ordem social, que transforma partes de um coletivo em indivíduos: “O indivíduo é o pior inimigo do cidadão” (BAUMAN, 2001, p. 45); e cidadãos em consumidores: “A tarefa é o consumo, e o consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente individual” (BAUMAN, 2001, p. 114).

Com receio de não se adequarem dentro desta lógica de vida/consumo, os indivíduos da pós-modernidade desvalorizam o que é durável e tudo aquilo considerado “velho” é descartado. Assim, o conceito de que “o velho não me atende” justifica novos gastos, novas aquisições, novas demandas (que tão logo serão descartadas) e alimenta este modelo de economia que estamos inseridos.

Consumidores passam a ser também mercadorias em exposição, devendo estar sempre atraentes para conseguir um emprego, um reconhecimento social, uma posição de destaque em um determinado grupo e, por isso, não há mais tempo e espaço para outras (questões, relações), que não estejam relacionadas ao “eu” e ao “agora”. Vive-se a utopia de um primeiro lugar ao pódio que não existe e, desta forma, extingue-se o pensamento coletivo e o cuidado com o outro.

Na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores; mas a maioria dos corredores na pista tem músculos muito flácidos e pulmões muito pequenos para correr velozmente. (BAUMAN, 2001, p. 86)

É este crescente zelo e apreço pela individualidade que, de acordo com Bauman, faz com que os relacionamentos sejam também uma espécie de vínculo de consumo, onde se busca o prazer imediato e onde se pode “descartar” pessoas quando estas parecerem pesadas demais para seguir na fluidez destes tempos. Dá para entender, com tudo, o medo instaurado da velhice e as tentativas infinitas dos indivíduos para se manter jovens. Ser velho é estar à margem deste rio de ilusões.

Ecléa Bosi<sup>1</sup> em seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, editado pela primeira vez em 1979 e nascido de sua tese de livre-docência em Psicologia Social, faz uma singular reflexão sobre a figura do velho daquela década de 70. Ela transcreve entrevistas aprofundadas com oito pessoas idosas que viveram desde a infância em São Paulo, revistando a história da cidade por meio da memória social destes sujeitos que participaram de sua construção.

Nesta obra, Ecléa dá voz aos marginalizados pela idade, convida-os a exporem suas lembranças mais antigas e, com elas, recupera um modo de viver que não existe mais.

A memória das sociedades antigas apoiava-se na estabilidade espacial e na confiança em que os seres da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, certos objetos biográficos (versus objetos de consumo). Eis aí arrimos em que sua memória se apoiava. (BOSI, 1994, p. 447)

Velhice como sinônimo de marginalização: tal qual Bauman, Ecléa também identifica as mazelas que a pós-modernidade inferiu nesta classe hoje oprimida, como assim define Marilena Chauí, filósofa e ex-professora universitária brasileira, durante a apresentação da obra de Ecléa:

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho). (BOSI, 1994, p. 18)

Com tais pensamentos dados, assusta-me a ideia de um caminho sem volta para o individualismo, que nos impede de reviver (e aprender) histórias com alguém que já não serve para a época atual.

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso absorve a ideologia voraz do lucro e da eficácia e repete: “É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços... Para que serve um velho, só para dar trabalho”... (BOSI, 1994, p. 76)

---

<sup>1</sup> Ecléa Bosi, professora emérita de psicologia social da Universidade de São Paulo (USP), lida com temas de pesquisa que não figuram entre os mais explorados dentro dos estudos acadêmicos brasileiros: as leituras de operárias e as memórias de velhos, por exemplo, para ficar em apenas dois de peso decisivo em seu trabalho. Com frequência, Ecléa dirige seu olhar para grupos sociais fragilizados: pobres, mulheres trabalhadoras de baixa renda, idosos que, imersos na transformação contínua da metrópole, vão perdendo a contragosto as referências de seus percursos familiares, cotidianos, e penetrando num tempo de certo esmaecimento da consciência de sua identidade. (<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/04/24/ecléa-bosi-narrativas-sensíveis-sobre-grupos-fragilizados/>)

Desta premissa parte a minha persistência em manter o baú e a inquietação que me leva a este artigo. A arte de contar e, principalmente, ouvir histórias passam a ser um movimento de resistência.

*Dizem que na época em que as fotos eram reveladas em preto e branco, os rios de nossa cidade, ao contrário, eram cheios de cor. Até o famoso rio Tietê, que hoje mais parece uma duvidosa sopa de feijão, era limpo, navegável e habitado por muitos seres vivos.*

## **Parte B. No caminhar das horas, desenrolamos...**

Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão... O encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontraríamos na evocação solitária. (BOSI, 1994, pág. 407)

Edward Bloom é um grande contador de histórias e personagem principal da obra cinematográfica “Peixe Grande e suas Histórias Maravilhosas”, dirigida por Tim Burton no ano de 2003, baseada no livro “Big Fish: A Novel of Mythic Proportions”, de Daniel Wallace. Tanto o filme quanto o livro ilustram a vida do velho Ed, que se realiza e se diverte ao narrar as aventuras que viveu na juventude, quando saiu de sua pequena cidade-natal, no Alabama, EUA. Mesclando realidade com fantasia, as histórias de Ed fascinam espectadores e leitores mundo a fora, mas passam pelo desprezo de outros personagens da narrativa, como Will Bloom, filho de Ed, que dispende um pouco de seu precioso tempo e se esforça para ouvir as aventuras do pai, na tentativa de alegrá-lo nos últimos instantes de sua vida.

Fui uma criança que cresceu com velhos Eds: avôs e tios-avôs que, incansavelmente, narravam suas histórias e aventuras de infância e mocidade, vividas em uma vila de imigrantes e migrantes (que hoje dá lugar a um dos maiores *shoppings centers* de São Paulo, localizado na Vila Guilherme – Zona Norte da cidade) sempre que havia alguém disposto a ouvi-los.

Bernardo Pedecini e Verginia Cavalini Pedecini, como muitos outros casais do interior paulista, deixaram sua cidade natal, Sosas, nas proximidades de Campinas, para se aventurar na grande metrópole em busca de melhores condições de vida. Descendentes de famílias

imigrantes italianas, chegaram em São Paulo, no auge dos anos 30, com cinco de seus oito filhos: Pedro, Alzira, Cecília (Titê), Marina e Rosa. Seis seriam se Assunta, a primogênita, não tivesse falecido precocemente.

Bernardo, que logo conseguira emprego como operador de molassa (uma espécie de moedora de papel) na Companhia Fabricadora de Papel (CFP) dos irmãos Klabin – na época localizada na Rua Voluntários da Pátria, no bairro de Santana (Zona Norte) – pôde se instalar com sua família na Rua Cachoeira, no bairro do Pari (Zona Leste da capital). Lá nasceram Antônio (Toninho) e Hele-Nice (Néle), que recebera esse nome em homenagem a famosa atleta francesa do automobilismo Hellé Nice.

Com o passar dos anos, os Pedecini foram se acomodando à nova vida e construindo vínculos com espaços e pessoas. Verginia, como diziam os filhos e netos, era a bondade personificada em mulher e, dado seu carisma e cuidado com o próximo, tinha o apreço de muitos conhecidos. Foi por causa dela que os Pedecini foram agraciados com um cômodo numa grande chácara particular da Zona Norte, chamada de Vila do Etro, pertencente à família Nery e à família Simi.

Estavam então mais próximos do trabalho de Bernardo e com um espaço que era só deles. O cômodo era uma antiga cocheira para os burros, construída atrás de uma das olarias que funcionavam nos limites do terreno – as olarias eram muito comuns na região, devido à proximidade do rio Tietê e à facilidade de conseguir o barro, matéria prima para a fabricação dos tijolos. Foi lá que lá nasceu o último dos filhos, Nelson (Lima), no ano de 1938.

A Vila Etro era uma região de várzea, esquecida pelo desenvolvimento urbano da época (nada ao lado do rio prosperava), formada por ruas de terra, taquarais, brejos e lagoas, muitas lagoas de águas claras, próprias para o lazer das crianças daquele lugar.

Grande parte das construções em São Paulo, na época foi levantada com areia e tijolos e conduzidos na várzea do Rio Tietê. Estas várzeas de terra de aluvião eram constituídas por uma primeira camada de terra preta, ulha e barro. A segunda camada era de areia branca, fina e média, sendo a terceira de areia e areião, uma mistura de areia grossa e pedregulhos. Finalmente, havia uma camada de argila esverdeada, o “taguá”. Em razão dessa extração de areia explorada pelo Senhor João Veloso, dentre outros, formaram-se na várzea de Vila Guilherme grandes lagoas denominadas “descobertas”. (SILVA, Benedita e AMARAL JR., José, 2000, pg. 47)

Por um curto período Bernardo, Verginia e os oito filhos viveram suas vidas na casa onde antes havia sido uma cocheira. Logo depois do nascimento do caçula, a família pôde locar uma das casas dos Nery, bem no meio da Vila. As casas eram feitas de tijolos,

rebocadas, com uma forração de madeira que não garantia um ambiente seco em dias de chuva forte. Água encanada não havia. Caminhões-pipa e um poço artesiano, de aproximadamente 40m, davam conta do abastecimento de todas as famílias que lá viviam. Os banheiros eram fora das casas e os banhos aconteciam com o auxílio de um chuveiro improvisado no balde.

Das atividades profissionais que os habitantes da Vila desenvolviam havia aquelas relacionadas às olarias, às vacarias e às tecelagens, onde boa parte dos irmãos Pedecini trabalharam. Uma das mais conhecidas era a Ita, no bairro do Pari que abrigava, além da indústria têxtil, o comércio atacadista de doces. As mulheres da Vila também complementavam suas rendas embrulhando balas, em suas próprias casas, para esses comerciários.

Para estudar, os mais novos dirigiam-se aos bairros vizinhos: Pari, Canindé, Santana e até um pouco mais distante, como no caso de Nelson, que estudou no Grupo Escolar São Vicente de Paula, na Avenida do Estado, beirando o Rio Tamanduateí.

O lazer estava diretamente relacionado com as lagoas da região e com o Rio Tietê que proporcionava a prática da pesca, da natação e das tão famosas corridas de regatas. Clubes como o Esperia (antigo Floresta), o Corinthians e o Tietê eram tradicionais nesta modalidade esportiva. As festividades religiosas no mês de junho e no fim do ano também eram celebradas pela vizinhança.

Assim viveram os Pedecini que, com o passar do tempo, constituíram outras famílias e incrementaram o insólito vilarejo com novos habitantes, com exceção de Alzira que, ao lado de seu esposo Claudino, se mudou da Vila para construir uma outra história no município de Caçapava, interior de São Paulo; Rosa que também se mudou após casar com Cristiano, mas ficou no mesmo bairro (Vila Guilherme), para que as visitas aos pais e irmãos pudessem ser mais frequentes; e Nelson, o caçula, que quando decidiu casar a Vila Etro já não existia mais, dando lugar aos lixões e aterros que invadiram a região e, tempos depois, a um dos maiores shoppings centers de São Paulo: o Center Norte.

Com a retificação do Rio Tietê – e mesmo antes – as lagoas começaram a desaparecer. Foram todas aterradas com lixo, os chamados “lixões”. (SILVA, Benedita e AMARAL JR., José, 2000, pg. 47)

As crianças da segunda geração dos Pedecini que cresceram na Vila colecionaram, além de bolinhas de gude, pipas e balões, as histórias de seus pais e avós sobre os trabalhos nas

tecelagens, sobre as dificuldades financeiras e sobre a simplicidade das celebrações. Como as casas eram muito próximas umas das outras (por vezes até a mesma casa dividida em duas), os primos estavam sempre juntos e sempre havia um pretexto para a reunião de toda família. Verginia, a matriarca, gostava de vestir o paletó de Bernardo no momento em que os lampiões se faziam necessários, se transformando em um narrador misterioso, para assombrar os netos com histórias de lobisomens, sacis e almas penadas.

Foi no ano de 1966 que as famílias Nery e Simi receberam uma proposta de venda da Vila, arquitetada por Curt e Otto Baumgart, fundador da indústria de impermeabilizantes Vedacit.

Foi Curt quem insistiu para que o pai, Otto Baumgart, comprasse uma área de 410 mil metros quadrados, ainda na década de 60. Foram necessários 20 anos apenas para aterrar a área. Quando os negócios de shopping center ainda engatinhavam por aqui, Curt resolveu apostar nos centros de compras e fundou, no antigo brejo, o maior shopping center da América Latina, o Center Norte. Era só a ponta de um conglomerado comercial que hoje inclui um shopping center especializado em móveis e utilidades domésticas, um centro de exposição e, como uma coisa puxa outra, um hotel da bandeira Novotel, bem ao lado da área onde aconteceram mais de 50 eventos, só em 2010. (CADERNO NEGÓCIOS, 2016, Portal Istoé Dinheiro, acessado em 06/06/2017)

Baumgart, conhecido entre os moradores da Vila por “alemão”, iniciou os trabalhos de aterro do local para dar início ao seu ambicioso projeto de centro comercial. As casas começaram a ser demolidas e todo material resultante desse processo era entregue às famílias (como uma espécie de compensação pelo transtorno) para que essas pudessem reconstruir suas casas, perto ou longe dali. (Baumgart garantiu este “direito de escolha” e se comprometeu em levar o material da demolição onde quer que fosse).

Como as lagoas eram enormes e muito profundas, terra apenas não bastava para que o aterro se concretizasse. Foi então que os caminhões de lixo começaram a despejar seus conteúdos no local, dia e noite, transformando a área em um imenso lixão, mesmo com algumas pessoas ainda vivendo por lá.

Os últimos dos Pedecini se mudaram da Vila no ano de 1968 e suas memórias gravadas em narrativas foram preservadas, enquanto vivos os seus atores-narradores. O desgaste do registro do que se vivia-contava acontecia cada vez que um membro da família partia para a eternidade. E com isso, foi inevitável que as reuniões de famílias ficassem cada vez mais escassas e as oportunidades cada vez mais raras de reafirmar essas histórias que quase não existem mais. Bernardo faleceu em 1981, Verginia em 1983 e, nas últimas décadas, os irmãos Pedro, Cecília, Marina, Antônio e Hele-Nice.



No dia primeiro de maio de 2017 resolvi ouvir as histórias dos meus velhos uma vez mais, pela interlocução de alguns membros da família, mas agora com a consciência de que um registro físico era importante.

Bauman diz que “a individualização chegou para ficar; e que toda elaboração sobre os meios de enfrentar seu impacto sobre o modo como levamos nossas vidas deve partir do reconhecimento desse fato”. (BAUMAN, 2001, p. 47)

Dadas as circunstâncias e reconhecendo-as, enfrentemo-las.

*Nessa saudosa época, Giovani era lustrado cuidadosa e constantemente, fotografado por familiares e amigos, comentado por vizinhos e admirado por todos. Ah, era uma época muito boa! Época em que as pessoas se reuniam e conversavam e se deixavam levar pelas histórias que um simples troféu trazia.*

### **Parte C. Propostas para um novo despertar**

Durante os encontros do curso de pós-graduação *lato sensu* “Arte de Contar Histórias”, tivemos a oportunidade de participar de discussões que traziam à tona a inviabilidade de se fazer memória dentro de uma conjuntura tecnicista e o tenso desafio de permanência que tem o contador de histórias dentro da polis contemporânea.

No cerne da discussão, os pensamentos do filósofo e sociólogo Walter Benjamin que, em seu texto “O Narrador”, da obra “Magia e técnica, arte e política”, deixa claro este desgaste da arte de narrar.

... o narrador não está de fato presente entre nós, em sua amplitude viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais... Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.

... com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação... a informação... a informação aspira uma verificação imediata... enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se arte da narrativa é

hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. (BENJAMIN, 1994, p. 197 - 221)

A falta de relação com o outro, o medo do estranho, a fuga dos coletivos, a exclusão dos que não servem mais à máquina, a falta de tempo de vivenciar, a efemeridade do que se fala e a rapidez como se propaga, o instantâneo, o eu... tanto em comum nas vozes de tantos, como Benjamin, Bauman, Bosi... Neste mar de incertezas, que fragiliza cada vez mais nossa imaginação e nosso potencial em divagar, como é possível sobreviver ao naufrágio das memórias?

Há uma hipótese de que no exercício da escuta pode-se garantir os lugares daqueles que hoje não mais têm voz. No entanto, provocar os "espaços de escuta" pode ser bastante desafiador neste cenário que estamos inseridos.

Desta necessidade e por meio do meu baú e das histórias dos meus velhos, inicio um movimento de resistência, de onde nasce o projeto “Naquela casa tinha: contos infante, sênil, juvenis”, um trabalho de pesquisa e transcrição de memórias pessoais e familiares, relidas por meio de narrativas de seres e objetos animados diversos.

Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (BACHELARD, A Poética do Espaço, Portal Biblioteca da Filo, acessado em 29/07/2017)

A ideia de dar voz a seres e objetos e atribuir-lhes histórias de um cotidiano estritamente humano não foi pensada e estruturada para o projeto em si. Ela partiu de um impulso de caçoar e achincalhar um fato, acontecido no meu ambiente de trabalho, sem que a identidade dos protagonistas fosse revelada. Queria relatar o acontecido não só para os meus e, trabalhando o texto de forma lúdica pude, descontraidamente, publicar o pequeno conto num blog que mantinha, chamado “Para Parafrasear Carú”. O peixinho Fernandinho Peçanha ganhava vida e caía nas graças dos poucos seguidores do blog.

Ainda para narrar as experiências da rotina daqueles com quem convivia (sempre com um toque de humor) e manter ativo o blog, fiz nascer o açucareiro Adamastor, sem a menor pretensão de construir um acervo de textos sobre seres e objetos vivos, configurando mesmo um acaso a escolha de animar mais um utensílio. Foi com este conto que experimentei, pela primeira vez, a arte de narrar histórias, no curso “Músicas e Narrativas”, ministrado por Cristiano Gouveia. E foi uma grata surpresa a reação do público ao conhecerem Adamastor.

Alguns anos se passaram e fui convidada pela coordenação da EMEI Professor Pedro Alvares Cabral, localizada na Vila Guilherme, para auxiliá-los no “Dia do Livro”, fazendo a distribuição de alguns exemplares entre as crianças e intermediando a atividade com a narração de algumas histórias. Como eu era apenas uma curiosa desta arte, tendo realizado poucos cursos a respeito, aceitei o convite mais pela satisfação de estar com as crianças do que pela segurança de ser uma narradora gabaritada.

Justamente pela falta de confiança no papel que viria a executar, fui me preparar lendo contos e mais contos, procurando aquele que seria ideal para o momento. Pensei nos tradicionais, pensei nas releituras, mas nada me trazia o conforto de contar aquilo que era meu. Foi quando meu esposo, coordenador da rede municipal de ensino que intermediou o convite da EMEI (e um daqueles poucos leitores do Para Parafrasear Carú) disse: “por que você não escreve?”. Neste dia nasceu a vassourinha Wanda, uma personagem carregada das minhas vivências pessoais que felizmente agitou o “Dia do Livro” daquela escola. Mais um objeto que ganhava vida.

A experiência foi tão gratificante e transformadora que nasceu uma imensa vontade de continuar a construir histórias como a de Wanda. Foi então que percebi a singularidade entre ela, Fernandinho e Adamastor. Eram todos seres não humanos que ilustravam minha rotina, meus amigos, meus familiares, meu universo. Transformar este espaço em uma “casa” e trazer novos moradores para ela foi questão de tempo.

Foi com a morte da minha avó Hele-Nice, no ano de 2014, seguida da morte dos outros Pedecinis no ano seguinte, culminando com o ingresso no curso de pós-graduação lato sensu “Arte de Contar Histórias”, que o projeto “Naquela casa tinha: contos infante, sênil, juvenis” ganhou uma força de resistência, a princípio para a conservação das minhas memórias e dos meus, voltando o olhar para a riqueza encontrada naquilo que é narrado pelos mais velhos.

A partir deste ponto, evidentemente a pesquisa tem como alicerce a obra “Memória e sociedade: lembrança de velhos”, de Ecléa Bosi. Outra grande fonte de inspiração está no trabalho da atriz Helen Helene (guardado em minha memória), que narrava histórias com objetos em um dos quadros do programa infantil Ra-Tim-bum, da TV Cultura.

Sendo assim, naquela casa, sem endereço, vivem muitos seres e objetos: um peixinho de aquário chamado Fernandinho Peçanha, um açucareiro chamado Adamastor, uma vassoura chamada Wanda, um aspirador de pó chamado Aldo de Brás Tenório, uma colher chamada

Tereza Gentileza, um par de sandálias chamado Solange e Lucélia, um pente sem dente chamado Vicente, um pote chamado Tote, um troféu de regatas chamado Giovanni Belami e uma mancha na parede que ninguém sabe bem o que é. As histórias de cada um são narradas individualmente e reunidas em um belo encontro derradeiro, sem muitas marcações de tempo e de espaço. Contos isolados dentro de uma única história que é minha, que é deles e de quem mais puder.

Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradas, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (BACHELARD, A Poética do Espaço, Portal Biblioteca da Filo, acessado em 29/07/2017)

*Era ele o dono das grandes histórias de uma época que não existia mais! E tantas foram as mudanças que suas histórias quando ouvidas pareciam mirabolantes, de outro mundo! (Onde já se viu nadar no rio Tietê?) Por isso que todas as madrugadas de sábado, quando a casa parecia mais vazia, Giovanni subia na velha cristaleira, também guardada como relíquia, e contava seus causos para os amigos que lá viviam.*

## Anexo I

### **Conto que compõe o projeto “Naquela casa tinha – contos infante, sênil, juvenis”**

#### **... um troféu de regatas chamado Giovanni Belami**

Dizem que na época em que as fotos eram reveladas em preto e branco, os rios de nossa cidade, ao contrário, eram cheios de cor. Até o famoso rio Tietê, que hoje mais parece uma duvidosa sopa de feijão, era limpo, navegável e habitado por muitos seres vivos. E por ser assim, atraía muitas pessoas e muitas coisas boas aconteciam em seu entorno: de divertidas travessias em pinguelas a acirradas competições de regatas.

O Sr. Francesco Belami, simpático senhorio da Vila Norte do Tietê, era o mais velho dos oito irmãos, filhos do casal Belami, imigrantes italianos trazidos para São Paulo pelo mar e pela fome. Francesco, além de senhorio era também sócio fundador do Clube de Regatas da Vila do Norte e, anualmente, promovia duas grandes competições entre seus inquilinos e associados: a travessia a nado no Rio Tietê e as Regatas, que chamavam a atenção de todos da redondeza por seus belos barcos à vela.

Naquele ano em especial, lá pelas tantas de 1.940, Francesco decidiu presentear o campeão das regatas com um imponente troféu confeccionado por um grande amigo ferreiro, que morava lá na Vila. O troféu era todo feito de bronze, em formato de taça e levava uma pequenina esmeralda cravejada no brasão do clube. Fora batizado de “Troféu das Regatas de 40 – Giovani Belami”, em homenagem ao falecido pai de Francesco.

Assim que deixou a sala de troféus do clube para estar no pódio no dia da competição, Giovani sentiu que viveria dias de glória! Dito e feito, Giovani foi entregue ao campeão ao som de aplausos, assovios e vivas! Passou a morar naquela casa desfrutando de todas as vantagens de ser o símbolo máximo da mais importante conquista daquela modesta família.

Deixado na cristaleira da sala de estar, para que todos pudessem vê-lo, Giovani foi por anos o centro das atenções e por anos foi motivo de boas conversas. Até que essas conversas deixaram de ser frequentes, até que de conversas tornaram-se recordações.

Nessa saudosa época Giovani era lustrado cuidadosa e constantemente, fotografado por familiares e amigos, comentado por vizinhos e admirado por todos. Ah, era uma época muito boa! É época em que as pessoas se reuniam e conversavam e se deixavam levar pelas histórias que um simples troféu trazia.

Giovani envelheceu junto com seu dono, com sua cristaleira e junto com as paredes daquela casa, que hoje nem são mais as mesmas. E durante toda sua estada na sala de estar, Giovani viu os filhos crescerem, os netos nascerem, os telefones e televisores se acomodarem nos espaços, até que o seu próprio não podia ser mais na sala de estar.

Giovani foi parar no quartinho esquecido e empoeirado daquela casa, porque não podia ser doado, não podia ser vendido, muito menos jogado fora, afinal de contas era ele o símbolo de uma grande conquista. E, dando espaço para novos objetos viverem seus momentos de glória, Giovani percebeu a importância de estar hoje no quartinho empoeirado.

Era ele o dono das grandes histórias de uma época que não existia mais! E tantas foram as mudanças que suas histórias quando ouvidas pareciam mirabolantes, de outro mundo! (Onde já se viu nadar no rio Tietê?) Por isso que todas as madrugadas de sábado, quando a casa parecia mais vazia, Giovani subia na velha cristaleira, também guardada como relíquia, e contava seus causos para os amigos que lá viviam.

Wanda era sempre a primeira a chegar ao quartinho e como era magrinha, cabia em qualquer lugar! Aldo não aparecia (ele não gostava de se misturar). Tereza ficava meio de longe, meio escondida, se emocionado com histórias que nada pareciam com a sua. A jovem Aretha escapava do aquário para ouvir “histórias de velho”, como ela dizia. Achava engraçado tudo aquilo e se divertia imitando Giovani para o amigo Fernandinho. Vicente, em seus dias ruins, interrompia as histórias de Giovani com comentários que pouco tinha a ver, mas na maioria das vezes ouvia calado, saudoso e quase sempre acenava afirmativamente com a cabeça endossando tudo aquilo que Giovani dizia. Há quem diga que por volta da meia noite era possível ouvir, por trás da fala de Giovani, os lamentos do desaparecido Adamastor... Mas logo mudava-se o assunto porque dava um medo danado imaginar a alma do açucareiro por lá.

Desde o dia que saiu do clube, Giovani sabia que viveria momentos de glória! E os vive até hoje, naquela casa, recheada de vida.

## Referências bibliográficas

- ADORO CINEMA: portal brasileiro de dados sobre cinema. Rio de Janeiro: Webedia. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-28644/>>. Acesso em 18/04/2017.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Disponível em <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>>. Acesso em 29/07/2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 17ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JUS: portal brasileiro reconhecido pela divulgação de artigos e documentos produzidos por uma grande rede de colaboradores, que são avaliados e selecionados por conselho editorial. Teresina: Jus Navigandi Ltda. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/17298/tracos-do-direito-de-familia-refletidos-no-espelho-da-modernidade-liquida>>. Acesso em 03/07/2017.
- ISTO É DINHEIRO: revista semanal de negócios, economia, finanças & ecommerce. São Paulo: Editora Três. Disponível em <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20101210/imperio-sem-imperador/63467>>. Acesso em 06/06/2017.
- REVISTA PESQUISA FAPESP: publicação especializada no segmento de ciência e tecnologia com foco na produção científica nacional. São Paulo: FAPESP. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/04/24/ecléa-bosi-narrativas-sensíveis-sobre-grupos-fragilizados/>>. Acesso em 14/06/2017.
- REVISTA VEIGA MAIS: revista laboratório elaborada por alunos e professores da Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro: UVA, Edição: Otimismo, Ano 3, Número 5, 2004. Disponível em <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/otimismopos-moderno2.html>>. Acesso em 26/06/2017.
- SIBI PORTAL DE REVISTAS: sistema integrado de bibliotecas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/69273/71730>. Acesso em 14/06/2017.
- SILVA, Benedita da Conceição de Carvalho; AMARAL, José de Almeida Júnior. **São Sebastião e a Vila Guilherme: Memórias paulistanas da Zona Norte**. São Paulo.
- TORRES, Juliana Barbosa; YACOUB, Giselle Picorelli. **As relações familiares na contemporaneidade: Conflitos e soluções**. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói: 2012. Disponível em <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT17%20Estudos%20de%20fam+%20Alia%20e%20gera+%20BA+%20C1es/%D4%20A3AS%20RELA+%20E7+%20F2ES%20FAMI>>.

[LIARES%20NA%20CONTEMPORANEIDADE%20CONFLITOS%20E%20SOLU+%E7+%F2ES%D4%C7%D8%20-%20Trabalho%20completo.pdf](#)>. Acesso em 03/07/2017.